

TABUCCHI, Antonio. **Requiem-Uma Alucinação**. Lisboa.
Quetzal Editores, 1977.

MARIA BETÂNIA AMOROSO
UNICAMP

Requiem - uma alucinação é um recente livro escrito por Antonio Tabucchi, publicado em 1997. Os personagens são, na sua maioria, apresentados como se cumprissem papéis numa peça teatral, sem nomes, com designações genéricas: o Rapaz Drogado, o Chauffeur de Táxi, o Criado da Brasileira, etc. Dois já eram personagens antes de sê-los neste livro: o Cauteleiro Coxo e o meu Convidado. O primeiro aparece em **O Livro do Desassossego**, de Bernardo Soares; o segundo é o próprio Fernando Pessoa.

São nove breves capítulos, nove encontros. O que encerra o réquiem é o encontro do narrador com Fernando Pessoa.

Há uma nota explicativa no início do livro, que, como em vezes anteriores, dá voz ao personagem-narrador. Mais uma vez, Tabucchi é pirandelliano no modo de falar de sua criação; mais uma vez, às voltas com Portugal, Lisboa e seu verão tórrido.

Mas o sentido maior dessa primeira explicação é a escolha da língua portuguesa para escrever seu réquiem. Diz ele *que uma história como esta só poderia ter sido escrita em português*, deixando por conta do leitor a descoberta da razão da exclusividade. Acrescenta, porém, que *em rigor, um Requiem teria de ser escrito em latim, pelo menos é o que prescreve a tradição*. Como se mostra pouco à vontade com o latim, optou *por uma língua que fosse um lugar de afeto e de reflexão*.

A nota ainda continua. Além de ser um réquiem, apresenta a história também como um sonho: *a personagem vai encontrar vivos e mortos no mesmo plano*. E termina, embora fosse dispensável: *Mas, acima de tudo, este livro é uma homenagem a um país que eu adoptei e que também me adoptou, a uma gente que gostou de mim e de quem eu também gostei*.

O amor de Tabucchi por Portugal, sua gente e seu poeta maior, Pessoa, já de longa data revelado, é afeto, mas é, e muito, reflexão: sobre o passado que parece não se acumular mais sob o presente e sobre um futuro desconfortável.

Neste livro, quase uma continuação do **Afirma, Pereira**, tudo o que diz respeito ao mundo português é ponto de apoio para contrastar o moderno a algo que a ele se opõe. Em primeiro lugar, o *inconsciente* da psicanálise à *alma* portuguesa. Visitar mortos queridos e deles obter notícias que nos acalmem é tocar um requiem para homenageá-los, tanto quanto é um sonho nostálgico ou uma alucinação. Há contudo a dúvida de que a passagem de mundos, do dos vivos para o dos mortos, seja exclusividade da alma

antiga, cheia de segredos, quase todos indecifráveis sem um saber também antigo. O encontro marcado com Pessoa dá a partida para a “aventura portuguesa”, outra forma de Tabucchi se referir ao livro.

Fernando Pessoa aqui não é só “um grande poeta, talvez o maior poeta do século vinte”, seria o guardador das chaves que dão acesso a um ir e vir no tempo, proibidas ao homem contemporâneo, homem com o qual Tabucchi se identifica totalmente. Talvez fosse mais certo dizer que o que mais importa no momento é o *voltar*.

Quando, tendo nas mãos **O Livro do Desassossego**, o narrador adormece debaixo de uma amoreira, numa quinta do Azeitão, inicia uma viagem por Lisboa e seus arredores que lembra uma outra história de Tabucchi, **O Noturno Indiano**. Aqui, entretanto, a viagem é toda de *volta*: o que visita é um mundo que de tão antigo não se oferece mais às sensibilidades contemporâneas. Quem se lembra dos mortos?

Ao lado da alma, o Alentejo tão antigo como ela. Muitos dos personagens que compõem o **Requiem** são do Alentejo, *o descampado dum sonho infinito e a realidade dum solo exausto*¹. A mesma dimensão de sonho serve ao escritor para voltar às origens - de Portugal, dos personagens. Naquela imensidão da planura confundem-se lusitanos, árabes e cristãos e está guardada, para quem conseguir encará-la de frente, já que ela não tem disfarces de relevo, como serras e montanhas, uma explicação. Tabucchi evidentemente não explica nada, mas, através dos personagens alentejanos, contrastados com os novos - o barman do Museu de Arte Antiga, o copiador de detalhes do quadro de Bosch **Tentação de São Antão**, o Mariazinha - dois mundos se falam: o das cidades e homens antigos e o das novas capitais e seus habitantes, de uma nova ordem que é geopolítica e estética.

O barman oferece aos frequentadores do museu - que é de arte antiga - um *drink* especial, súpula de algo mais do que moderno, batizado *JanelasVerdes'Dream*, lembrança de seu estágio num bar londrino. Portugal resiste em ser Europa, constata o garçom que encontra dificuldade em convencer os portugueses a deixarem de lado os vinhos pelas bebidas destiladas, o que lhes daria uma nova imagem.

Novo olhar é o que surge da observação do Pintor Copiador, a respeito do quadro **Tentação de São Antão**.

O horror presente nas aberrações de Bosch - no quadro que está realmente no museu citado e que o narrador quer visitar - sofre uma transformação: é esquartejado em mil pedaços. Cada detalhe é transformado num quadro, copiado pelo pintor, e irá decorar a casa de um fazendeiro texano. Imagine-se a casa americana: sem dúvida há um novo padrão estético na operação. É como se o horror antigo e ancestral de Bosch fosse transformado em efeito especial de *serial killer*. Não que não haja beleza ou interesse nisso: são simplesmente diversos, e pouco ou nada comunicantes. O mundo dos mortos é aparentemente mais compreensível do que o dos pós-modernos.

Se o Pereira conseguiu um modo de estar no seu mundo contemporâneo, retornando à revolução, o personagem-narrador de Tabucchi de **Requiem** está muito pouco à vontade nesse Portugal que não sente mais *saudade* de nada (diz Pessoa : *tenho saudades do Saudosismo, coitado, já ninguém é saudosista, este país está a tornar-se*

¹ Miguel Torga, **Portugal**, Ed. Nova Fronteira, 1996, p.123.

terrivelmente europeu). Talvez por esta razão o encontro final com Pessoa é num restaurante pós-moderno, *um lugar com muitos estilos (...), um restaurante com muitos espelhos e com uma comida que não se percebe bem o que é, (...) um sítio que rompeu com a tradição recuperando a tradição (...), que parece o resumo de várias formas diferentes*. São servidos por um garçom que se apresenta como a Mariazinha e lhes oferece um cardápio *nouvelle cuisine*, feito de pratos de nomes indecifráveis e falsos na sua novidade.

Talvez pela mesma razão o desejo de rever o poeta, tirá-lo do mundo dos mortos e fazer perguntas. Entre elas, saber quanto de culpa das vanguardas existiria nessa nova sensibilidade, quanto de fingimento havia no seu fingimento.

O poeta português moderno por excelência despede-se. O narrador de Tabucchi resta só, entregue desassossegado ao novo século, em plena Europa.